

IDENTIDADE DE GÊNERO:  
A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA EM  
*TROPIC OF CAPRICORN.*

**Flávia Benfatti**

Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo.  
Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.  
e-mail: flaviarbenfatti@gmail.com

BENFATTI, Flávia. Identidade de gênero: a masculinidade hegemônica em *Tropic of Capricorn*. *albuquerque – revista de história*. vol. 7, n. 14. jul.-dez./2015. p. 28-46.

**Resumo:** Este texto pretende reafirmar que as categorias de sexo, gênero e sexualidade são construções sociais e, portanto, não fundamentadas em um determinismo biológico. Assim, as partes genitais (sexo) ao serem ativadas sexualmente produzem as práticas de ser masculino ou feminino (o que independe da formação biológica genital) definindo, assim, o gênero como ação e, por sua vez, gerando um impulso a ser satisfeito (sexualidade). Partindo dessa premissa, faz-se necessário historicizarmos, a partir da análise da obra literária *Trópico de Capricórnio*, romance de Henry Miller (1961 EUA, 1975 Brasil), o primado da masculinidade, tendo como ponto de partida a história do homem viril que as sociedades ocidentais patriarcais ajudaram a construir.

**Palavras-chave:** Gênero, Sexualidade, *Tropic of Capricorn*.

**Abstract:** This text intends to reaffirm that the categories of sex, gender and sexuality are social constructions and, therefore, not based on a biological determinism. Thus, the genital parts (sex) when being sexually activated produce the practices of being male or female (which is independent of the genital biological formation), thus defining gender as action and, in turn, generating an impulse to be satisfied (sexuality). Based on this premise, it is necessary to historicize, from the analysis of the literary work *Tropic of Capricorn*, Henry Miller's novel (1961 USA, 1975 Brazil), the primacy of masculinity, starting from the history of the manly man who Western patriarchal societies helped to build.

**Key-words:** Gender, Sexuality, *Tropic of Capricorn*.



Críticos que discutem o tema da sexualidade como Judith Butler, Adrienne Rich, Susan Sontag, Pierre Bourdieu, Jeffrey Weeks dentre outros, defendem que as diferenças entre os sexos têm bases culturais e não biológicas como se acreditava no passado. As categorias de sexo, gênero e sexualidade são, dessa forma, construções sociais e, portanto, não fundamentadas em um determinismo biológico. Isso se dá quando pensamos nessas três categorias dentro do contexto das relações sexuais. Assim, as partes genitais (sexo) ao serem ativadas sexualmente produzem as práticas de ser masculino ou feminino (o que independe da formação biológica genital) definindo, assim, o gênero como ação e, por sua vez, gerando um impulso a ser satisfeito (sexualidade). É, portanto, na prática sexual que sexo, gênero e sexualidade se complementam.

Stets e Burke confirmam essa base social na qual o gênero é ancorado:

femininity and masculinity are rooted in the social (one's gender) rather than the biological (one's sex). Societal members decide what being a male and a female means (e.g. dominant or passive, brave or emotional), and males will generally respond by defining themselves as masculine while females will generally define themselves as feminine. Because these are social definitions, however, it is possible for one to be female and see herself as masculine or male and see himself as feminine.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Femininidades (**formas variadas do feminino**) e masculinidades estão enraizadas no social (no gênero da pessoa) ao invés de no biológico (o sexo da pessoa). Membros das sociedades decidem o que significa ser um homem e uma mulher (por exemplo dominante ou passivo, corajoso ou emocional), e os homens irão responder se definindo como masculinos enquanto as mulheres irão geralmente se definir como femininas. Devido ao fato de essas serem definições sociais, entretanto, é possível para uma mulher se ver como masculina ou um homem se ver como feminino (STETS, Jan E.; BURKE, Peter J. Femininity/Masculinity. *Encyclopedia of Sociology*, Revised Edition. New York: Macmillan, p.1-20, 2000, p. 1, grifo meu, tradução minha).

Quando tratamos dessas categorias de gênero<sup>2</sup> dentro de determinados contextos sócio-histórico-culturais em diferentes momentos, percebemos que o controle social dos corpos em ação é também variável, dependente de formações discursivas geradas no seio social. Assim, em se tratando de um período repressor, como o vitoriano, no século XIX, por exemplo, as práticas sexuais evidenciam pudores e tabus impostos, incorporados por determinados grupos, porém transgredidos por outros. Essa transgressão às normas impostas leva ao surgimento dos mais perversos desejos, de acordo com o julgamento contextual do período. Já, em sociedades e/ou momentos históricos menos repressores, as práticas sexuais transcorrem de acordo com posturas políticas, sociais, culturais comuns à população sendo as noções de perversão inexistentes já que a conquista de maior liberdade sexual favorece as práticas sexuais livres do cerceamento moral.

Reich aponta que em uma sociedade indígena pesquisada por ele, a dos trobriandeses, o *voyerismo* na sexualidade infantil não existe como perversão. Segundo o psicanalista: “[...] não é a liberdade do instinto sexual parcial na infância o que por si leva à perversão, mas que isso só acontece quando a sexualidade é reprimida”.<sup>3</sup>

Infere-se então que aos conceitos de sexo, sexualidade, gênero, perversão são atribuídos significados que variam de acordo com o tempo e local.

Quando falamos de liberdade sexual ou práticas sexuais livres temos que pensar nos padrões masculinos de sexualidade da cultura ocidental, já que este artigo discute o conceito de masculinidade hegemônica contrapondo às feminilidades dentro da sociedade patriarcalista.

Segundo Louro:

a linguagem da sexualidade parece ser avassaladoramente masculina. A metáfora usada para descrever a sexualidade como uma força incansável parece ser derivada de suposições sobre a experiência sexual masculina.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Cf. NICHOLSON, L. Interpreting Gender. In: **Social Postmodernism: Beyond Identity Politics**. New York: Cambridge University Press, 1995. Cf. BUTLER, J. **Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>3</sup> REICH, Wilhelm. **Irrupção da moral sexual repressiva**. Tradução de Silvia Montarroyos e J. Silva Dias. São Paulo: Martins Fontes, s/d, p. 5.

<sup>4</sup> LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 41.

Partindo dessa premissa, faz-se necessário historicizarmos o primado da masculinidade tendo como ponto de partida a história do homem viril que as sociedades ocidentais patriarcais ajudaram a construir.

Desde as cavernas, sabemos que se atribui privilégio ao homem devido à sua força física. A ele caberia o mérito de providenciar alimento para a família enquanto o demérito à fragilidade física da mulher, relegando a ela, as tarefas domésticas.

Millet aponta que na condição primitiva o que mais possivelmente impressionava a humanidade era, supostamente, o milagre do nascimento atribuído ao poder feminino. No entanto, com o desenvolvimento da civilização e a descoberta da paternidade, isso pode ter se revertido em prol do masculino. Segundo a feminista:

There's some evidence that fertility cults in ancient society at some point took a turn toward patriarchy, displacing and downgrading female function in procreation and attributing the power of life to the phallus alone".<sup>5</sup>

Ainda, segundo a autora, essa hipótese seria consolidada pela religião patriarcal por meio da criação de um Deus ou deuses masculinos postulando a supremacia do macho e validando a estrutura patriarcalista. A mitologia também nos fornece dados que compactuam com essa visão masculinizante. Tanto no mito de Adão e Eva quanto no de Pandora, por exemplo, a versão de que é a mulher que comete um erro irreparável – Eva ao comer o fruto proibido nos condenou e Pandora, ao abrir a caixa que continha todos os males da humanidade – e então os homens foram afligidos por eles – mostra que ao homem é dado o privilégio de abster-se das culpas enquanto à mulher cabe punição.

Marcuse interpretando o pensamento de Freud pontua que “o primeiro grupo humano foi estabelecido e mantido pelo domínio de um indivíduo sobre os outros”<sup>6</sup> e esse indivíduo era o pai que já no início do processo civilizatório “estabelece a dominação em seu próprio interesse, mas ao fazê-lo, está justificado pela sua idade, sua função

<sup>5</sup> Há alguma evidência de que cultos de fertilidade na sociedade antiga, em algum momento, deram uma guinada em direção ao patriarcado, deslocando e rebaixando a função feminina para a procriação e atribuindo o poder da vida para o falo sozinho (MILLET, Kate. *Sexual Politics*. Urbana: University of Illinois Press, 2000, p. 28, tradução minha).

<sup>6</sup> MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do Pensamento de Freud*. 8ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 70.

biológica e (sobretudo) pelo êxito: ele criou aquela “ordem” sem a qual o grupo imediatamente se dissolveria” e eis aí o “despotismo patriarcal da horda primordial”.<sup>7</sup>

Diante disso, percebe-se que a “religião patriarcal” sustentou, ao longo dos séculos, essa dominação masculina. Pode-se dizer que a Idade Média tenha sido o marco das tomadas de posições masculinizantes que os séculos vindouros iriam ajudar a perpetuar. Sob a pressão da igreja e dos poderes públicos, as diferenças entre o masculino e o feminino se tornam cada vez mais nítidas, especialmente com a “valorização do casamento a partir dos meados do século XVI na França ou as mudanças significativas por volta de 1590 na Inglaterra”<sup>8</sup>. Importante ressaltar que até o início do século XX, França e Inglaterra eram consideradas nações que ditavam padrões e modelos de vida para o mundo. Ao homem, mesmo depois de casado, são “concedidos” privilégios. Ele pode continuar exercendo a sua virilidade com amantes, prostitutas e é, com isso, aclamado por seus pares. A esposa deve ficar reclusa no lar e cuidar dos filhos. Esse é o seu papel e, se ousar infringir as leis masculinizantes, é vista como pervertida, não mais digna de respeito perante a sociedade.

Portanto, como afirma Bourdieu, “o próprio ato sexual é pensado em função do princípio da masculinidade”.<sup>9</sup> Dessa forma, ainda segundo o teórico, “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”.<sup>10</sup>

Tomando o romance *Tropic of Capricorn* (1961),<sup>11</sup> podemos pensar como essa questão da masculinidade hegemônica (a heterossexualidade compulsória – conceito postulado por Adrienne Rich) pode ser interpretada ao longo da tessitura narrativa.

No excerto a seguir de *Tropic of Capricorn*, o narrador “transa” com uma mulher e usa palavras “chulas” que aparentemente, com uma leitura descontextualizada, a denigrem:

---

<sup>7</sup> Idem, ibidem, p. 71.

<sup>8</sup> MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 75.

<sup>9</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 27.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 46.

<sup>11</sup> *Tropic of Capricorn* - romance do escritor norte-americano Henry Miller, escrito originalmente em 1939 (período entre-guerras) que trata, suscintamente, de crítica à sociedade capitalista norte-americana e à seus tabus sexuais, dentre outras temáticas. O original em inglês data de 1961, publicado pela Grove Press: MILLER, Henry. *Tropic of Capricorn*. New York: Grove Press, 1961.

Finally she was standing beside the couch. She didn't say a word either. She just stood there quietly and as I slid my hand up her legs she moved one foot a little to open her crotch a bit more. I don't think I ever put my hand in such a juicy crotch in all my life. [...] After a few moments, just as naturally as a cow lowering its head to graze, she bent over and put it in her mouth [...] Her mouth was stuffed full and the juice pouring down her legs. Not a word out of us, as I say. Just a couple of quiet maniacs working away in the dark like gravediggers. It was a fucking Paradise and I knew it, and I was ready and willing to fuck my brains away if necessary <sup>12</sup>

Considerando o contexto da narrativa, o período entre guerras, no qual mudanças significativas acontecem tanto nas artes quanto nos comportamentos devido às manifestações pró-liberdade de expressão em decorrência dos movimentos de vanguarda europeu (surrealismo, dadaísmo, dentre outros), entendemos que o narrador não esteja humilhando a mulher descrita, ele simplesmente a trata de forma “natural”, considerando essa naturalidade de acordo com sua visão masculinista hegemônica e, como pontuado por Bourdieu, dentro de uma perspectiva de naturalização das relações de dominador e dominado como categorias socialmente construídas e aceitas.

Portanto, o narrador age, muitas vezes, da forma como fora criado dentro de um contexto patriarcalista; porém, outras vezes, contraria essa premissa se portando como um homem dócil, delicado e cortês para com as mulheres em seus relacionamentos, pois é um sujeito em processo de revisão e (re)construção de seu “eu” e de suas atitudes. Dessa forma, não se pretende uma justificativa rasa para o comportamento do narrador, mas sim, entender a masculinidade heterossexual hegemônica como um construto social que se encontra arraigada no “inconsciente coletivo” masculino em função da história do homem viril que as sociedades ocidentais ajudaram e ajudam a perpetuar e que faz com que esse homem leve tempo para entender os processos de mudança das várias formas de comportamentos sexuais que se manifestam mais abertamente a partir do período entre as duas guerras mundiais.

---

<sup>12</sup> “Finalmente ela ficou em pé ao lado do sofá. Também não disse uma palavra. Só ficou ali em pé quieta e, quando fiz minha mão subir entre suas pernas, mexeu ligeiramente o pé para abrir um pouco mais seu rego. Acho que em toda minha vida nunca pus a mão em um rego tão suculento [...] Depois de alguns momentos, tão naturalmente quanto uma vaca que abaixa a cabeça para pastar, ela se curvou e enfiou o negócio na boca [...] sua boca estava estufada e o suco escorria por suas pernas. Nem uma palavra saiu de nós, como já disse. Apenas um par de maníacos quietos trabalhando no escuro como coveiros. Foi uma foda paradisíaca e eu sabia disso.” (MILLER, H. *Tropic of Capricorn*. Op. cit., p. 182; MILLER, Henry. *Trópico de Capricórnio*. Tradução de Aydano Arruda. São Paulo: Círculo do Livro, 1975, p. 166-167).

A legitimação da categoria de dominante recebe o nome de “heteronormatividade”, pois é a forma padrão de comportamento que a sociedade sustenta como normal. As outras práticas sexuais ainda são vistas como desviantes. Assim, Hockey, Meah e Robinson consideram que a

heteronormativity, therefore, refers to how the normative status of heterosexuality is institutionalized and legitimated through institutions such as the family and through discourse, rendering other sexualities abnormal and deviant.<sup>13</sup>

Dessa forma, a trajetória das relações entre os sexos se converge para a afirmação e aceitação de imposições de conduta a partir de um pressuposto heterossexual hegemônico patriarcal que tende, desde sempre, a demarcar seu espaço, especialmente quando há uma ameaça a esse poderio.

O excerto abaixo mostra essa ameaça na medida em que a mulher do entre guerras passa a valorizar seus desejos e suas vontades independentemente das convenções sociais, mesmo ainda pagando algum preço por essa liberdade. No exemplo, o narrador tenta “convencer” a mulher a ter relação com ele, não com palavras mas com gestos; no entanto, ela parece resistir e a impressão que temos é que ela quer se esquivar dele porque sabe que é dona de seus desejos e sabe o que quer ameaçando assim o poder viril do narrador. Ela o seduz, no entanto, parece não sentir vontade de tê-lo:

With Veronica it was always a tussle in the vestibule. On the dance floor you'd think she was going to make you a permanent present of her ovaries, but as soon as she hit the air she'd start thinking, thinking of her hat, of her purse, of her aunt who was waiting up for her [...] If you grabbed her by the boobies she would squawk like a parrot: if you got under her dress she would wriggle like an eel; if you held her too tight she would bite like a ferret. She lingered and lingered and lingered. Why? What was she after? Would she give in after an hour or two? Not a chance in a million.<sup>14</sup>

<sup>13</sup>A heteronormatividade, entretanto, refere-se a como o status normativo da heterossexualidade é institucionalizada e legitimada através de instituições tais como a família e por meio do discurso, considerando outras sexualidades anormais ou desviantes (HOCKEY, Jenny; MEAH, Angela; ROBINSON, Victoria. *Mundane Heterosexualities*. New York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 23, tradução minha).

<sup>14</sup> Com Verônica era sempre uma luta no vestibulo. Na pista de dança você pensaria que Verônica ia fazer-lhe presente permanente de seus ovários, mas assim que saía para o ar livre ela começava a pensar, pensar em seu chapéu, em sua bolsa, em sua tia que a estava esperando [...] Se você a agarrava pelos seios, ela gritava como um papagaio; se enfiava a mão por baixo de seu vestido, se contorcia como uma



Desde tenra idade, meninos são motivados a agirem como “homens” em oposição a “coisas de meninas”. A diferenciação entre os sexos começa a tomar forma a partir de uma cultura masculina imposta já dentro do seio familiar. A mãe grávida de um menino quer que o seu quarto seja decorado de azul, porque o azul é socialmente considerado a cor masculina. Ao longo da infância, o menino recebe, o tempo todo, *inputs* que procuram reafirmar a sua condição de macho. A mãe, a família, os vizinhos dizem que “[...] um homem não pede beijos [...] um homem não se olha no espelho [...] um homem não chora”<sup>15</sup> e assim por diante. Encorajam-no o tempo todo a ter orgulho de sua virilidade, que é socialmente valorizada. Beauvoir complementa, a despeito dessa diferenciação entre o menino e a menina que,

insuflam-lhe o orgulho da virilidade; essa noção abstrata reveste para ele um aspecto concreto: encarna-se no pênis; não é espontaneamente que sente orgulho de seu pequeno sexo indolente; sente-o através da atitude dos que o cercam. Mães e avós perpetuam a tradição que assimila o falo à ideia de macho.<sup>16</sup>

Bourdieu, compactuando com essa mesma perspectiva de Beauvoir, também pontua que existe uma tentativa social de eliminar no homem tudo o que possa restar nele de feminino: “E o trabalho de virilização (ou desfeminização) prossegue por ocasião desta introdução no mundo dos homens, do ponto de honra (nif) e das lutas simbólicas [...]”<sup>17</sup>.

Por outro lado, Person<sup>18</sup> afirma que os garotos crescem dentro de normas culturais que são impostas para os homens – eles têm que ser fortes, competitivos, não aceitar a participação de garotas em seus grupos e desvalorizar, como também concordam Beauvoir e Bourdieu, comportamentos julgados femininos.

---

engua; se a apertava demais, mordida como um furacão. Resistia, resistia e resistia. Por quê? Que estava querendo? Cederia dentro de uma ou duas horas? Não havia a menor possibilidade ((MILLER, 1961, p. 186, 187; MILLER, 1975, p. 170,171).

<sup>15</sup> BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. v.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 12.

<sup>16</sup> Idem, ibidem, p. 13.

<sup>17</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Op. cit., p. 37.

<sup>18</sup> PERSON, Ethel Spector. **Masculinities, Plural**. March 20, 2006. Disponível em: <http://apa.sagepub.com>. Acesso em: 18 jun 2010.

Dessa forma, atenta-se para o fato de que o homem, ao longo da história, também sofre o peso de ser “homem”. Segundo Carrigan *et al*<sup>19</sup> os opressores não são as mulheres mas sim é o papel masculino que os oprime. As demandas do “ser homem” geram um peso em seu *self*. No entanto, como forma de sustentar essa primazia heterossexual masculina, a sociedade continua incentivando-a em detrimento do feminino e outras formas de masculinidades (homossexuais masculinos e femininos).<sup>20</sup> Nesse sentido, surge o que Connell e Messerschmidt<sup>21</sup> chamam de “masculinidade hegemônica”. Segundo os sociólogos, o termo hegemonia entendido como uma dinâmica cultural na qual um grupo sustenta uma posição de liderança na vida social passou a ser usado a partir do conceito de homofobia originado na década de 1970 por meio de um estereótipo criado por *straight men*. Esses homens violentavam e discriminavam os homossexuais, os quais, por sua vez, motivados pelas revoluções feministas da década de 1960, iniciavam suas lutas em prol do reconhecimento e respeito à sua sexualidade.

Segundo Dellinger:

The concept of hegemonic masculinity allows us to move the notion that all men oppress all women to the more complicated notion that there is an ongoing struggle to define hegemonic masculinity in opposition to femininities and other marginalized or subordinated masculinities [...]<sup>22</sup>.

Há, portanto, segundo a autora, outras formas de se pensar a questão da hegemonia masculina sem nos limitarmos apenas à questão da opressão feminina, como apontado pela maioria das feministas.

<sup>19</sup> CARRIGAN, Tim; CONNELL, Bob; LEE, John. Toward a New Sociology of Masculinity. In: **Theory and Society**. Elsevier Science Publishers p.551-604. Australia: Macquarie University, 1985.

<sup>20</sup> Cf. RUBIN, G. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade (tradução em português e de circulação restrita). In: Ablove, H.; Barale, M.; Halerin, D. (org). **The Lesbian and Gay studies reader**. Londres: Routledge, 1993. Cf. JOHN, E. Capitalism and Gay Identity. In: Ablove, H.; Barale, M.; Halerin, D. (org). **The Lesbian and Gay studies reader**. Londres: Routledge, 1980.

<sup>21</sup> CONNELL, Bob; MESSERSCHMIDT, James W. **Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept**. 6, December 2005. Disponível em: <http://apa.sagepub.com>. Acesso em: 18 jun 2010 .

<sup>22</sup> O conceito de masculinidade hegemônica nos permite deslocarmos da noção de que todos os homens oprimem todas as mulheres para uma noção mais complicada de que há uma constante luta para definir a masculinidade hegemônica em oposição às femininidades e outras masculinidades marginalizadas ou subordinadas [...] (DELLINGER, Kirsten. Masculinities in “safe” and “embattled” organizations: accounting for pornographic and feminist magazines. **Gender and Society**, vol. 18, n. 5, p. 545-566. University of Mississippi, 2004, p. 547, tradução minha).

Nesse sentido, a masculinidade hegemônica estabelece uma relação de “privilégio potencial” de um “consenso vivido”<sup>23</sup> e é dentro de um discurso de poder que ela se perpetua corroborando para elevar o homem heterossexual à categoria de dominância sobre “o sexo frágil”, ou ao que chamam de “sexualidades periféricas”.

Então a cultura dominante, sob a perspectiva androcêntrica reafirma esse primado séculos afora até nossos dias. Mesmo alternando períodos mais ou menos repressores e com as grandes conquistas femininas em todos os setores da vida pública e privada, a dominação masculina continua se perpetuando, embora mais enfraquecida nos dias de hoje por uma masculinidade, mais uma vez, em crise.

Segundo Nye:

Historically, hegemonic forms of masculinity have undergone crises requiring restabilization and, more recently, supported the idea that masculinity is in perpetual crisis, permanently engaged in patching up traditional ideals, inventing new ones, and reconsolidating masculine advantage.<sup>24</sup>

No contexto de Miller, o período entre-guerras, essa crise já se iniciava com as manifestações das novas masculinidades (os homossexuais masculinos, femininos e os transgêneros) e a emancipação de mulheres ousadas, à frente de seu tempo, como a própria Simone de Beauvoir, Rosa de Luxemburgo, Coco Channel, Josephine Baker dentre outras<sup>25</sup>.

Miller, pertencendo a esse quadro de mudanças, ao mesmo tempo em que procura reafirmar sua masculinidade em relações sexuais, não deixa de proporcionar liberdade às suas parceiras, dando voz a algumas delas, que chegam a discutir sobre sexo com ele. O narrador ainda reflete sobre a homossexualidade tentando entender o que seria

<sup>23</sup> ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, p. 161-190, 1996.

<sup>24</sup> Historicamente, formas hegemônicas de masculinidade têm sofrido crises que exigem restabilização e, mais recentemente, apoiou a ideia de que a masculinidade está em crise perpétua, permanentemente engajada em reconstruir ideais tradicionais, inventando novos e reconsolidando vantagem masculina NYE, Robert. Locating Masculinity: some recent work on men. *Journal of Women in Culture and Society* vol. 30, n. 31, p. 1937-1962. The University of Chicago, 2005, p. 1940, tradução minha).

<sup>25</sup> Cf. OLIVEIRA, R. L. Amor e Liberdade. In: Sartre: A Consciência, o Homem e a Condenação à Liberdade. Discutindo Filosofia, ano 1, n 2. Escala Educacional. Cf. DUARTE, A. Pensar e Agir por Amor ao Mundo. In: AQUINO, Julio Groppa & REGO, Teresa Cristina (orgs.). Hannah Arendt Pensa a Educação: A Educação em Tempos Sombrios. 2 ed, São Paulo: Segmento, 2005. Cf. ROSE, P. A *Cleópatra do Jazz*: Josephine Baker e Seu Tempo. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

exatamente ser um homossexual. Essas duas temáticas serão exemplificadas no próximo item.

Por vezes, fala também de amor e se rende aos poderes de algumas das personagens femininas fortes que descreve e admira trazendo à tona a asserção de que o processo de construção identitária é passível a redefinições e reavaliações constantes sem a obrigação de se chegar a algo definitivo já que não se trata de uma fixidez do “eu”.

No trecho abaixo, o narrador descreve a atitude de uma mulher forte, que sabe o que quer e, observando sua descrição, percebe-se que ele a admira por isso:

Francie was a good sort, I must say [...] She was one of those girls who are born to fuck. She had no aims, no great desires, showed no jealousy, held no grievances, was constantly cheerful and not at all unintelligent. At nights when we were sitting on the porch in the dark talking to the guests she would come over and sit on my lap with nothing on underneath her dress and I would slip it into her as she laughed and talked to the others. I think she would have brazened it out before the Pope if she had been given a chance.<sup>26</sup>

Dessa forma, a narrativa em questão deixa resvalar esse confronto identitário que o narrador autobiográfico trava consigo mesmo justificando a sua masculinidade em crise, em processo de revisão. Portanto, não se pode atribuir o caráter de misógino ao autor, como apontado por feministas de várias épocas, já que suas atitudes com relação à mulher são variáveis ao longo dos romances demonstrando um processo de revisão de um “eu” que tenta entender toda uma mudança própria do período no qual o autor, também narrador autobiográfico, se encontra.

---

<sup>26</sup> Francie era uma boa moça, devo dizer [...]. Era uma dessas garotas que nasceram para foder. Não tinha objetivos, nem grandes desejos, não demonstrava ciúme, não guardava rancores, estava sempre alegre e não deixava de ser inteligente. À noite, quando estávamos sentados no terraço no escuro conversando com os hóspedes, ela vinha sentar-se em meu colo sem nada por baixo do vestido e eu lhe enfiava o pau enquanto ela ria e falava com os outros. Acho que ela faria essas coisas sem constrangimento até diante do papa, se tivesse oportunidade (MILLER, 1961, p. 261; MILLER, 1975, p. 237).

## Avaliação dos papéis masculinos e femininos a partir do século XVII

A crise da masculinidade hegemônica se deve, em grande parte, às conquistas femininas por um espaço de igualdade e respeito que sempre pertencera aos homens. A luta das mulheres tem sido uma história de avanços e recuos. Esses últimos devido às constantes investidas no sentido contrário, da sociedade patriarcal a fim de perpetuar o seu domínio.

Para Badinter, essa crise data dos séculos XVII e XVIII na França e na Inglaterra a partir de um movimento feminino intitulado “preciosismo” que se iniciou em território francês.<sup>27</sup> Essas mulheres reivindicavam mais liberdade e mais igualdade com os homens. As inglesas foram além: reivindicavam igualdade sexual ou o direito ao orgasmo.

Nos séculos XIX e XX, ainda de acordo com a autora, há uma segunda crise. Smiller; Kay & Harris afirmam que o período vitoriano (século XIX) reforçou a diferença entre homem e mulher relegando a ela inferioridade. Isso, de certa forma, continuou tendo os seus apelos ao longo do século XX, embora com maior intensidade no início:

Victorian ideals shaped the construction of masculinity and femininity at the beginning of the 20<sup>th</sup> century and included the belief that men and women had separate and opposing spheres. Non-masculine actions were feminine and thus reason (male) and emotion (female) were opposites. Further, men were superior to women [...]<sup>28</sup>.

No entanto, mesmo com essa tentativa vitoriana de reforçar a masculinidade, os homens começam a temer a nova mulher que surge no contexto da segunda revolução industrial (a partir da segunda metade do século XIX), que se torna profissional e que tem acesso à universidade. Para Badinter, medo sem fundamento, já que as mulheres não abandonam as famílias e nem os lares em função de suas novas conquistas mas, mesmo

<sup>27</sup> BADINTER, Elisabeth. XY: Sobre a Identidade Masculina. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

<sup>28</sup> Ideais vitorianos moldaram a construção da masculinidade e femininidade no início do século XX e incluíram a crença de que homens e mulheres viviam em esferas opostas e separadas. Ações não masculinas eram femininas e assim a razão (masculina) e a emoção (feminina) eram opostas. Além disso, os homens eram superiores às mulheres [...] SMILLER, Andrew, P.; KAY Gwen, G.; HARRIS, Benjamin. Tightening and Loosening Masculinity's (k)Nots: Masculinity in the Hearst Press during the Interwar Period. *The Journal of Men's Studies*, vol.16, n. 3, p. 266-279. The Men's Studies Press, LLC, 2008, p.268, tradução minha).

assim, eles se angustiam especialmente por considerarem a possibilidade de dividir as tarefas domésticas.

Badinter acrescenta que nos Estados Unidos a crise é ainda maior. Os homens norte-americanos têm que lidar com a ameaça da “europeização da mulher americana, sinônimo de efeminação da cultura e, portanto, do homem americano”.<sup>29</sup>

Nesse sentido, a historiadora francesa afirma que

A crise da masculinidade eclodiu abertamente quando as mulheres norte-americanas, assim como as da Europa, pretenderam preencher outros papéis além da função de mãe e dona-de-casa. Mais ruidosamente do que na Europa, elas declararam-se cansadas dessas tarefas e se rebelaram contra as convenções.<sup>30</sup>

Vemos que a identidade masculina é abalável, frágil. Isso não acontece com as mulheres. O homem sempre tem que provar que é homem ao longo de sua vida.

Há uma passagem em *Tropic of Capricorn* (1961) em que o narrador critica a efeminização do homem ao relembrar um episódio da infância, mas com a consciência atual de que o pensamento discriminatório é uma vergonha explicando que ninguém sabia bem, na época, o que era um “veado”, mas, fosse o que fosse, eles eram “contra isso”:

The boy was older than any of us and he was a sissy, a fairy in the making. He is very walk used to enrage us. As soon as he was spotted the news went out in every direction and before he had reached the corner he was surrounded by a gang of boys all much smaller than himself who taunted him and mimicked him until he burst into tears. Then we would pounce on him, like a Pack of wolves, pull him to the ground and tear the clothes off his back. It was a disgraceful performance but it made us feel good. Nobody knew yet what a fairy was, but whatever it was we were against it.<sup>31</sup>

<sup>29</sup> BADINTER, Elisabeth. XY. Op. cit., p. 19, 20.

<sup>30</sup> Idem, ibidem, p. 20.

<sup>31</sup> O menino era mais velho que todos nós e era um maricas, um veado em formação. Seu próprio modo de andar enraivecía-nos. Logo que era avistado, a notícia corria em todas as direções e antes que chegasse à esquina era cercado por um bando de meninos muito menores, que o insultavam e o arremedavam até ele romper em lágrimas. Então caímos sobre ele, como uma alcateia de lobos, derrubávamo-lo no chão e rasgávamos suas roupas nas costas. Era uma ação vergonhosa mas fazia com que nos sentíssemos bem. Ninguém sabia o que era um veado, mas fosse o que fosse nós éramos contra isso (MILLER, 1961, p. 135; MILLER, 1975, p. 124)

Percebe-se que os meninos heterossexuais praticaram *bullying* com o outro garoto apenas como reafirmação de sua masculinidade diante dos pares já que todos ainda não entendiam essas manifestações das novas masculinidades.

Badinter, assim como Beauvoir, retoma a infância masculina e explica que a masculinidade é construída nos primeiros anos de vida quando o menino precisa se libertar da simbiose que nutria com a mãe – separação necessária para a construção de sua masculinidade. Ele tem que se separar drasticamente dela, ao contrário da menina. Portanto, infere-se que a violência masculina contra a mulher e contra o homossexual vem de um vazio sentido pelo homem bipartido. Impossibilitado desde o nascimento de um contato mais afetivo com a mãe e privado da afetividade que requer contato físico com o pai, o homem se vê sem saída: precisa reafirmar sua masculinidade por meio da “negação”: ele tem que ser “não mulher”, “não afeminado”, “não dócil”. Ao fazer isso, perde o sentido de identidade porque o seu lado frágil, sensível, deve ser mutilado em detrimento de uma afirmação da virilidade que envolve um longo trabalho de afirmação da força física, da intelectualidade, e sentimentos controlados (não pode demonstrar o que sente).

Essas questões levantadas podem justificar um tema de importante discussão em Miller: a violência. A pesquisadora Masuga<sup>32</sup> trata de uma violência, na obra do escritor, referente à linguagem. De qualquer forma, essa violência se refere à ousadia da experimentação do autor-narrador com a linguagem devido à sua paixão pela escrita utilizando vocábulos coloquiais fortes e marcantes; é uma violência contra as regras academicistas. Por outro lado, há um tom irônico e humorístico que perpassa toda sua escrita. O fato de o narrador e seus personagens masculinos usarem um léxico às vezes agressivo quando tratam as mulheres ou quando falam delas pode implicar em ironia ou, ainda, em tom de humor cujo objetivo maior se relaciona à afronta social como um todo e às próprias mulheres devido ao poder que elas exercem sobre os homens, por meio da sedução. No entanto, o narrador-personagem não pode admitir isso abertamente em função de sua tradição patriarcal, apenas para “não dar o braço a torcer”. Por esses motivos e outros já citados não seria pertinente taxarmos o protagonista de misógino.

Por outro lado, existem ainda a violência física e moral em Miller. Física, considerando duas situações: a primeira diz respeito ao teor pornográfico, carnal e, portanto, “violento” nas relações sexuais apresentadas pelo narrador; e a segunda se

---

<sup>32</sup> MASUGA, Katy. *Henry Miller and The Book of Life*. Texas Studies in Literature and Language vol. 52, n. 2. Seattle: The University of Washington, 2010.



refere à agressão física contra a mulher que é apresentada de forma isolada dentro do todo da narrativa, o que também, acreditamos, não configura misoginia. Dessa forma, consideramos as hipóteses tratadas acima sobre o recalque masculino quanto ao poder feminino e as questões da ironia e do humor do narrador-personagem.

Por fim, a violência moral que está ligada ao uso de palavras de baixo calão pelos personagens masculinos quando estão dialogando a respeito das mulheres – eles parecem denegri-las, como já apontado, no entanto, nossa leitura se justifica pelos mesmos motivos supracitados. Essa perspectiva interpretativa de não misoginia se dá pelas várias contradições apresentadas no discurso do narrador, que, a nosso ver, estão mais para a ironia, o humor, a experimentação com a linguagem, à afronta social, ao medo da mulher emancipada do que de uma simples interpretação de opressão feminina. Adrienne Rich aponta para outro tipo de “medo” do homem para com a mulher: o medo da insatisfação feminina. Nas palavras de Rich “I question the more or less psychoanalytic perspective [...] that the male need to control women sexually results from some primal male ‘fear of women’ and of women’s sexual insatiability”.<sup>33</sup>

Lembremos que o período no qual Miller vive e escreve, é um período de novas conquistas femininas e o narrador lida, no geral, com mulheres sexualmente experientes. São, portanto, mulheres conscientes de sua sexualidade e agem por vontade própria, embora ainda socialmente condenadas. No trecho que se segue a mulher discute com o narrador o fato de poder usar de sua sexualidade apenas para o prazer. Nesse caso, o discurso direto mostra a própria voz da mulher reivindicando igualdade de direito com os homens no quesito sexual:

“But you like me don’t you?” she’d answer. “Men like to fuck and so do women. It doesn’t harm anybody and it doesn’t mean you have to love everybody you fuck, does it? I wouldn’t want to be in love; it must be terrible to have to fuck the same man all the time, don’t you think?”<sup>34</sup>

<sup>33</sup> Eu questiono a perspectiva mais ou menos psicanalítica [...] de que o homem que precisa controlar sexualmente a mulher resulta do “medo” primordial do homem com relação à “mulher” e da insaciabilidade sexual das mulheres (RICH, Adrienne. *Compulsary Heterosexuality and Lesbian Existence*. In: JACKSON, S.; SCOTT, S. *Feminism and Sexuality*. New York, Columbia University Press, 1996, p. 133, tradução minha)

<sup>34</sup> “‘Mas você gosta de mim, não gosta?’, era sua resposta. ‘Os homens gostam de foder e as mulheres também. Não faz mal para ninguém e a gente não precisa amar toda pessoa com quem fode, não acha? Eu não gostaria de estar amando. Deve ser horrível ter de foder com o mesmo homem o tempo todo, não acha?’.” (MILLER, 1961, p. 262; MILLER, 1975, p. 237,238).



Por outro lado, o narrador também tem as mulheres como amigas e se solidariza com elas, em determinadas situações, como no exemplo a seguir:

During the course of the evening we got a bit tight. Valeska's tongue was wagging. On the way home she told me that she was going to put up a fight; she wanted to know if it would endanger my job. I told her quietly that if she were fired I would quit too. She pretended not to believe it at first. I said I meant it, that I didn't care what happened. She seemed to be unduly impressed; she took me by the two hands and she held them very gently, the tears rolling down her cheeks.<sup>35</sup>

Os fatos apresentados quanto à postura do narrador apontam para um sujeito contraditório, mas é na contradição que o protagonista procura rever sua identidade a todo o instante, não desfavorecendo suas qualidades, nem descartando suas fraquezas, mas expondo seus erros, acertos e suas confusões. É dessa forma que ele se (re)constrói.

Além disso, os homens, apesar das vantagens que possuem pela simples razão de terem nascido homens, por outro lado, se tornam presas dos modelos de masculinidade criados pelas sociedades ocidentais. Esses modelos, no fundo, os oprimem porque precisam se parecer com eles a fim de serem exaltados pelos seus pares. No entanto, a sua afetividade fica comprometida e eles têm dificuldade em estabelecer laços mais duradouros com o sexo oposto e, como não conseguem facilmente lidar com isso, justificam suas frustrações e solidão aliciando para seu currículo o maior número de parceiras sexuais possível. Nas palavras de Badinter:

Todos os homens, em determinada época, sonharam ser assim: uma besta sexual com as mulheres, mas que não se liga a nenhuma delas; um ser que só encontra seus congêneres masculinos na competição, na guerra ou no esporte. Em suma, o mais duro dos duros, “um mutilado do afeto”, feito mais para morrer do que para se casar e ninar bebês. A maioria das culturas aderiu a esse ideal masculino e criou seus próprios modelos, mas foi a América, sem rival cultural, que impôs a todo o universo suas imagens de virilidade: do caubói ao Exterminador, passando por Rambo, encarnados por atores *cult* (John Wayne,

<sup>35</sup> “No decorrer da noite, ficamos um pouco de fogo. Valeska estava falando demais. A caminho de casa disse-me que ia armar uma briga. Perguntou-me se isso ameaçaria meu emprego. Disse-lhe que se a despedissem eu sairia também. A princípio fingiu não acreditar. Eu afirmei que falava sério, que não me importava o que acontecesse. Ela pareceu ficar excessivamente impressionada. Tomou-me as duas mãos e segurou-as delicadamente, com lágrimas rolando pelo rosto” (MILLER, 1961, p. 58; MILLER, 1975, p.55).

Sylvester Stallone, Arnold Schwarzenegger), esses heróis do cinema serviram de exutório e ainda povoam as fantasias de milhões de homens.<sup>36</sup>

Corroborando Badinter, o psicanalista Goldberg comenta sobre essa fragilidade afetiva do homem que nada mais é do que uma tentativa de se proteger por medo de revelar sua vulnerabilidade:

The male is said to be emotionally shallow and unable to maintain a deeply intimate relationship with a woman. Clinical experience, however, suggests that this “shallowness” is simply a self-protective device used by the male to avoid revealing his vulnerability.<sup>37</sup>

Em *Tropic of Capricorn* muito embora Miller apresente, por meio de seu personagem-protagonista, esse viés reforçado de masculinidade, de poder viril, percebe-se, no fundo, sua fragilidade e inconsistência com relação a essa imagem de homem duro que quer apenas viver o momento intensamente e não se prender a ninguém, pois o narrador trata, em algumas passagens, do amor, expressando uma vontade subjacente de amar e ser amado, principalmente quando menciona Mara, nome fictício dado a June (mulher que ele sempre amou, segundo seu biógrafo Robert Ferguson). Observemos o excerto em que o narrador a menciona:

In the tumb which is my memory I see her buried now, the one I loved better than all else, better than the world, better than God, better than flesh and blood <sup>38</sup>.

Assim, fica claro que o autor-narrador-protagonista procura, por meio de suas críticas sociais, seu tom irônico e seu humor inteligente, entender essas transformações

<sup>36</sup> BADINTER, Elisabeth. XY. Op. cit., p. 134-135.

<sup>37</sup> Dizem que o homem é emocionalmente superficial e incapaz de manter um relacionamento profundo com uma mulher. Experiência clínica, entretanto, sugere que esta “superficialidade” é simplesmente um instrumento de autoproteção usado pelo homem para evitar revelar sua vulnerabilidade (GOLDBERG, Herb. **The Hazards of Being Male: Surviving the Mith of Masculine Priviledge**. New York: Stanford Associations, 1976, p. 12, tradução minha).

<sup>38</sup> “No túmulo que é minha memória vejo-a agora enterrada, aquela que amei mais do que tudo, mais do que o mundo, mais do que Deus, mais do que minha própria carne e sangue.” (MILLER, 1961, p. 231; MILLER, 1975, p. 210).

pela qual o mundo passa naquele momento bem como entender a si mesmo em um constante vai e vem de posicionamentos que assume ao longo da narrativa. Ao mesmo tempo em que usufrui de todos os prazeres carnavais como heterossexual pertencente a uma categoria dominante e, portanto, com certo medo de, talvez, perder esse poderio, o narrador-personagem também mostra seu lado frágil, gentil, afetivo, que erra e que tenta entender as contradições da alma e do comportamento humano.

## Considerações finais

Vimos então que, já há alguns séculos, as mulheres estão lutando pela disputa dos privilégios que antes pertenciam apenas aos homens, embora se sabe que essa é uma luta árdua e difícil. O século XX representa grandes avanços e no período entre-guerras, em mais uma tentativa masculina de afirmar sua posição de superioridade, surgem o que Smiller, Kay & Harris (2008) chamam de “*self-made man*” – um novo tipo de homem. Esse homem passa a construir um *self* mais baseado na inteligência do que na força física:

These self-made men, however, were threatened by women’s gains and the erosion of the separate spheres doctrine. Self-made men proved their manliness by business success (vs. physical prowess), by college and organizational affiliation (vs. union or lodge membership), and by indulging in illegal pastimes (eg. Alcohol consumption). They attempted to establish their masculinity in reaction to their polar opposites – women.<sup>39</sup>

Percebe-se com isso uma abertura a novos valores, dentro dos quais o homem, temendo que sua masculinidade seja rebaixada em detrimento de uma possível ascensão feminina, luta para que outros ideais masculinos, que não apenas de força física, sejam fortalecidos mesmo que para isso tenha que reinventar-se, assumindo novas posturas diante desse novo quadro de mudanças que vem acontecendo desde o século XX e ainda se faz presente na contemporaneidade.

---

<sup>39</sup> Esses homens que se tornaram ricos e bem sucedidos por seus próprios esforços, entretanto, foram ameaçados pelos ganhos das mulheres e da erosão da doutrina de esferas separadas. Tais homens provaram sua masculinidade por meio do sucesso nos negócios (versus força física), por meio de afiliação universitária e organizacional e se envolvendo em passatempos ilegais (por exemplo consumo de álcool). Eles tentaram provar sua masculinidade em reação ao seu polo oposto - as mulheres (SMILLER, Andrew, P.; KAY Gwen, G.; HARRIS, Benjamin. Tightening and Loosening Masculinity’s (k)Nots: Masculinity in the Hearst Press during the Interwar Period. Op. cit., p. 268, tradução minha).